

SUMÁRIO

<i>Apresentação e agradecimentos</i>	7
Segredo	13
Relicário	14
O banho	18
Encontro na chuva	25
As máscaras	29
Estações	33
O machão	34
A espera	38
Dois no escuro	44
Porta-retratos	48
O vazio e as sombras	49
Notas de alcova	52
Olé!	56
Almodóvar	60
Beijo	65
Despedida de solteiro	66
Chuva rala	71
De repente...	75

<i>O voyeur</i>	79
O escritor de contos eróticos	83
Para um dia qualquer, depois de hoje	87
Madrugada sem lua	91
Sexo, suor e urtigas	96
Profecia	102

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Em junho de 2004, o então editor-chefe da *G Magazine*, Jayme Camargo (Pai), gentil e corajosamente me encomendou um conto homoerótico para a revista. Confesso que fiquei lisonjeado e, ao mesmo tempo, aflito, pois não me achava capaz de produzir nada assim *tão específico*... e num prazo tão curto: menos de uma semana! Ainda mais um texto erótico. Talvez para me seduzir, Jayme ofereceu duas páginas. Como sou um sujeito atrevido, escrevi o conto “O banho”, que foi publicado no mês seguinte. Para minha surpresa, a redação recebeu vários e-mails contendo elogios – principalmente de mulheres, que se identificaram com um texto, segundo elas, “picante, mas sem ser tão apelativo... e até engraçado”.

Lógico que foi muito importante ter esse *feedback*. E, animado, escrevi o segundo conto, “Encontro na chuva” – que dediquei à cantora Marina Lima –, com o mesmo formato e tamanho do anterior. E foi aí que veio a surpresa de *dona* Ana Fadigas (ex-diretora da revista): “Conto, só de uma página!”

Sim, foi um banho de água fria! Como reduzir tanto? Com raiva, espremi daqui, enxuguei dali... E não é que ficou melhor? *Dona Ana* sabe das coisas!

Depois desse segundo conto, não parei mais. Mês sim, mês não, fui enviando novas histórias. Umas bem eróticas, outras nem tanto. Algumas, com certo tom de sarcasmo, mais debochadas. Embora sem poder escapar muito de certos temas recorrentes e antigos clichês do gênero (belos, sexualmente bem-dotados, musculosos, fardados etc.) e também sem ter *grandes compromissos* do ponto de vista literário, procurei dar rápidas pinceladas de lirismo nas histórias. Tanto que alguns leitores chegaram a reclamar que os contos “não excitavam mais como antes”. É claro que fiquei magoado. Não com as críticas, mas por constatar que, infelizmente, algumas pessoas ainda não conseguiam/conseguem enxergar além do óbvio. Fazer o quê? Segui em frente. Vasculhar a libido alheia era, ao menos para mim, uma via de mão dupla. É lógico que escrevi para me divertir e me exercitar como ficcionista, mas também para mergulhar nos meus subterrâneos e arejar um pouco meu *baú freudiano* de totens e tabus.

Enfim, foram três anos de colaboração, desafio pessoal e intenso aprendizado. Creio que realizei meu trabalho de *contador de histórias* com dignidade. Não é nada fácil visitar os porões da nossa libido. Sair ileso, então, quase impossível. De modo que encer-

rei minha participação na *G Magazine* com a sensação de dever cumprido. E este pequeno livro é um despretenso registro de todo esse período. Aqui, além dos textos publicados na revista (revisitos e ampliados para esta edição), ofereço outros contos e microcontos. Sim, acabei me viciando em enxugar histórias! Nem todas são eróticas, porém a maioria tenta abordar esse complicado – e talvez por isso mesmo instigante – universo do desejo.

Um forte abraço a toda a equipe dessa revista que, sem dúvida, já faz parte da história daqueles que lutam por um mundo menos hipócrita e mais justo. E deixo aqui um agradecimento especial aos meus editores da *G Magazine* (Ana Fadigas, Jayme Camargo, Sérgio Miguez, Ferdinando Martins, Haroldo Pereira e Rodrigo de Araújo) e das Edições GLS (Soraia Cury). Valeu!

F. G.

*Talvez tivesse chegado o tempo de eu me tornar quem sou.
E serei aquilo que não prevejo, sem o desejar,
mas não serei marinheiro, explorador, gângster, dançarino,
nem boxeador, pois o mais esplêndido representante deles
já não exerce domínio sobre mim.*

Jean Genet, *O milagre da rosa*



SEGREDO

Um seminarista se ajoelha ao lado do criado-mudo para fazer o sinal-da-cruz. Em seguida, assopra a chama, espalha um pouco de óleo na ponta da vela e:

— Ave...! — geme baixinho, a boca bem espremida no traveseiro de penas de ganso.



RELICÁRIO

Para Alcides Nogueira e Klecius Borges



Onanista de longa data, voraz e incorrigível, eu estava a ponto de me conformar: talvez ele merecesse mesmo viver escondido pelos cantos, amaldiçoado e proscrito. Ora, porque vocês, puritanos inflexíveis, fizeram de tudo para transformá-lo em um diabo solitário e repulsivo. Sim, e já acreditando que nascera predestinado a correr pra sempre de si mesmo, meu personagem afundava de câibras e de culpas, levando consigo boias murchas, muletas de vidro, divãs mercenários, ladainhas mecânicas e orgasmos fingidos! Ainda vulnerável demais às convenções, ele entrava e saía de relacionamentos com o desdém de um criminoso fujão cuja glória era reincidir no delito para poder voltar ao cárcere e, depois, escapar de novo, feliz e vingado.

Mas, calma, isso foi antes de ele dominar a arte de invadir braguilhas alheias em pensamento. Primeiro, ele respira fundo, até exor-